

TIMOTHY GARTON ASH

# Os fatos são subversivos

*Escritos políticos de uma década sem nome*

*Tradução*

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Timothy Garton Ash  
Venda proibida em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Facts are subversive: political writing from a decade without a name

*Capa*

Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Foto de capa*

Máscara de George Bush © Chris Steele-Perkins/ Magnum Photos/ LatinStock

*Preparação*

Cacilda Guerra

*Índice onomástico*

Verba Editorial

*Revisão*

Erika Nakahata

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Garton Ash, Timothy

Os fatos são subversivos : escritos políticos de uma década  
sem nome / Timothy Garton Ash ; tradução Pedro Maia Soares.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Facts are subversive : political writing from a  
decade without a name.

ISBN 978-85-359-1876-2

1. Ciência política – Filosofia 2. Política internacional – Século  
21 – Filosofia I. Título.

11-04522

CDD-320.01

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia política

320.01

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Prefácio .....	13
1. REVOLUÇÕES DE VELUDO, CONTINUAÇÃO...	
A estranha derrubada de Slobodan Milošević .....	23
“O país me convocou” .....	43
Revolução Laranja na Ucrânia .....	47
A revolução que não aconteceu .....	60
1968 e 1989 .....	64
2. EUROPA E OUTRAS DORES DE CABEÇA	
Fantasmas na máquina .....	71
A Grã-Bretanha é europeia? .....	75
Há fundamentos morais do poder europeu? .....	86
A nova Polônia dos gêmeos .....	102
Troca de impérios .....	116
Por que a Grã-Bretanha está na Europa? .....	120
A nova narrativa da Europa .....	135
Hinos nacionais .....	146

“Ó china, onde está teu muro?” .....	150
O perfeito membro da União Europeia .....	154

### 3. ISLÃ, TERROR E LIBERDADE

Existe terrorista bom? .....	161
La Alhambra .....	175
Islã na Europa .....	179
A linha de frente invisível .....	194
Contra tabus .....	198
Respeito? .....	202
Secularismo ou ateísmo? .....	206
Sem se nem mas .....	210

### 4. EUA! EUA!

Senhor presidente .....	215
Onze de Setembro .....	222
Antieuropeísmo na América .....	227
Em defesa da cerca .....	240
Zorba, o Bush .....	244
A eleição mundial .....	248
Varsóvia, Missouri .....	251
Dançando com a história .....	255
Liberalismo .....	259

### 5. ALÉM DO OCIDENTE

A Bela e a Fera na Birmânia .....	265
Soldados do imã escondido .....	283
O Oriente encontra o Ocidente .....	298
A irmandade contra o faraó .....	302
Cidades sem Deus .....	306
Além da raça .....	310

### 6. ESCRITORES E FATOS

A grama parda da memória .....	317
--------------------------------	-----

A Stasi em nossas mentes .....	329
Orwell em nosso tempo .....	341
A lista de Orwell .....	354
“Intelectual britânico” é um oxímoro? .....	369
“ <i>Ich bin ein Berliner</i> ” .....	373
A literatura de fato .....	385

## 7. ENVIO

Elefante, pés de barro .....	397
Descivilização .....	401
Os camundongos no órgão .....	405
Notas .....	409
Agradecimentos .....	419
Índice onomástico .....	421

1. REVOLUÇÕES DE VELUDO,  
CONTINUAÇÃO...

# A estranha derrubada de Slobodan Milošević

Na quinta-feira, 5 de outubro de 2000, quando os sérvios invadiram o Parlamento em Belgrado, agitaram bandeiras de suas janelas em chamas e tomaram a sede da televisão estatal, que um líder da oposição chamara um dia de “TV Bastilha”, parecia estar em andamento uma verdadeira revolução europeia à moda antiga. A invasão do Palácio de Inverno! A Queda da Bastilha!

Agora, com certeza, o último governante do Leste Europeu a permanecer no poder continuamente desde o fim do comunismo, o “carniceiro dos Bálcãs”, seguiria o caminho de todos os tiranos. Relatos febris diziam que três aviões estavam levando Slobodan Milošević e sua família para o exílio. Ou que ele estava enfiado, como Hitler, em seu bunker. Seria linchado? Ou executado como Ceaușescu? Ou se suicidaria, como seu pai e sua mãe haviam feito? “Viva a Sérvia”, gritava a multidão, “mate-se, Slobodan.” Inflamados por imagens de revolução e por todas as associações sangrentas provocadas pelos “Bálcãs”, centenas de jornalistas aguardavam um desenlace sinistro, mas telegênico.

Em vez disso, na noite de sexta-feira, 6 de outubro, Milošević apareceu em outro canal nacional de televisão para fazer o tipo de discurso cortês admitindo a derrota em eleição que se espera de um presidente americano ou de um primeiro-ministro britânico. Ele disse que acabara de receber a informação de que Vojislav Koštunica havia vencido a eleição presidencial. (Isso, vindo de um ho-

mem que passara os últimos onze dias tentando negar exatamente aquilo, por meio de fraude eleitoral, intimidação e manipulação dos tribunais.) Agradeceu aos que votaram nele, mas também aos que não votaram. Agora, planejava “passar mais tempo com minha família, especialmente meu neto Marko”. Depois, disse que esperava reconstruir seu Partido Socialista como partido de oposição. “Congratulo o sr. Koštunica por sua vitória”, concluiu, “e desejo a todos os cidadãos da Iugoslávia todo o sucesso nos próximos anos.”

Bem-vestido como sempre, de terno, camisa branca e gravata, ele estava de pé ao lado da bandeira iugoslava, rígido, as mãos cruzadas abaixo da cintura, como um aluno que foi surpreendido colando. Ou como um penitente diante do padre que seu pai outrora quis ser. Perdão, padre, trapaceei nas eleições, arruinei meu país, provoquei imensos banhos de sangue e miséria nos nossos vizinhos, mas agora serei um bom menino. Era incongruente, surreal, ridículo no fingimento de que se tratava apenas de uma mudança de líder democrática, habitual.

Contudo, era exatamente isso que o novo presidente também queria aparentar. O presidente Koštunica me disse depois que Milošević lhe havia telefonado para perguntar se estava correto fazer o pronunciamento, e ele estava feliz porque desejava mostrar a todos na Sérvia que era possível uma transferência de poder democrática e pacífica. Um pouco antes, naquela mesma noite, Koštunica aparecera na televisão estatal “libertada”, de terno e sóbrio como sempre, respondera por telefone a perguntas do público e falara calmamente sobre sistemas de votação, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Sim, encontrei jovens que comemoravam diante do prédio do Parlamento naquela noite, apitando e dançando. Mas a maioria dos amigos com quem conversei — gente que trabalhava contra Milošević havia anos — não manifestou êxtase nem ódio, e sim uma mistura de deleite amargo e descrença residual. Ele estava realmente liquidado?

Aquilo não foi nada para a perplexidade dos jornalistas estrangeiros. Diabos, isso aqui não deveria ser uma revolução? Mas a revolução parecia ter começado na noite de quinta-feira e parado na sexta de manhã. Não mais cenas heroicas. Nada de derramamento de sangue. Os sérvios não tinham cumprido o que prometiam. Havia decepcionado a CNN, a ABC, a NBC. Palestinos e israelenses eram mais prestativos. Estavam se matando uns aos outros. Assim, no dia seguinte metade das equipes de tevê partiu para Israel. Os que ficaram continuaram às voltas com a pergunta: o que é isso?

Uma mistura muito esquisita, era o que era. Na mesma manhã em que o presidente Koštunica se mudou para o retumbante Palácio da Federação, poucos minutos antes de receber o ministro do Exterior russo, um certo “capitão Dragan”, lendário veterano da insurreição sérvia de Krajina, entrava no prédio da Alfândega Federal com um bando de homens armados e uma Scorpion automática embaixo do braço. Estava ali para expulsar Mihalj Kertes, o sequaz de Milošević que controlava tantos negócios suspeitos por meio da alfândega. O capitão Dragan me disse que Kertes ficara tremendo e havia implorado de forma abjeta por sua vida.

No sábado, Koštunica teve de ficar de pé durante horas nas salas de recepção em mau estado, de estilo década de 1970 do Centro Sava, esperando pelos parlamentares recém-eleitos da oposição e do Partido Socialista de Milošević para resolver suas contendas e permitir seu juramento constitucional. Enquanto isso, uma tropa de choque dos “boinas vermelhas”, forças especiais de assalto da Segurança do Estado, entre eles veteranos das ações sérvias de Vukovar ao Kosovo, tomavam o Ministério do Interior. Mas faziam isso em nome da oposição a Milošević. Ou, pelo menos, uma parte dela.

Enquanto os partidos políticos se encontravam para conversas de coalizão sobre um novo governo federal, autodenominados “Comitês de Crise” em fábricas e escritórios expulsavam seus antigos patrões — em nome do povo. Em um momento, eu observava o líder paramilitar e nacionalista radical Vojislav Šešelj denunciar a revolução numa sessão do Parlamento sérvio. No minuto seguinte, estava examinando a pistola que o capitão Dragan tinha tirado do odiado Kertes. Leve, com um belo pau-rosa esculpido na culatra. Cinco balas de ponta mole e uma comum.

Enquanto tudo isso acontecia, Milošević estava tranquilamente sentado em uma de suas casas de campo, no subúrbio verdejante de Dedinje, em consultas com seus velhos camaradas. No meu último dia em Belgrado, passei de carro por essas casas da rua Užička, escondidas por muros altos e cercas de segurança. Não consegui achar uma campainha para tocar.

## 1.

O que era essa revolução sérvia? Obviamente, muita coisa ainda não está clara sobre os acontecimentos na Sérvia, que foram inevitavelmente compara-

dos com a revolução autolimitadora da Polônia de 1980-81 e com as revoluções de veludo da Europa Central em 1989. Minha leitura muito preliminar diz que o que aconteceu na Sérvia foi uma combinação complexa e singular de quatro ingredientes: uma eleição mais ou menos democrática; uma revolução do novo tipo de veludo, autolimitadora; um breve golpe revolucionário de um tipo mais antigo; uma pitada de conspiração balcânica antiquada.

Primeiro, a eleição. O que muita gente de fora deixou de perceber é que a Sérvia de Milošević nunca foi um regime totalitário como o de Ceaușescu na Romênia. Essa é a principal razão de sua queda ter sido também diferente. Sim, ele era um criminoso de guerra que causou sofrimentos horríveis aos vizinhos dos sérvios na antiga Iugoslávia. Mas em seu país ele não era um ditador totalitário. Na verdade, seu regime era uma estranha mistura de democracia e ditadura: uma *demokratura*.

Sempre houve política no governo de Milošević, e uma política multipartidária. Até o regime tinha dois partidos: o seu próprio e o de sua esposa. As tensões entre o Partido Socialista da Sérvia pós-comunista, dele, e a Esquerda Unida Iugoslava, dela, contribuíram para o desmoronamento de sua base de poder. Mas os partidos e políticos de oposição que chegavam agora ao poder, entre eles Vojislav Koštunica, também estavam envolvidos em política havia uma década. É verdade que havia repressão da polícia e da polícia secreta, até o ponto do assassinato político. Mas também havia eleições, que Milošević ganhava.

Não eram eleições livres e limpas. O pilar mais importante de seu regime era a televisão estatal, que ele utilizava para sustentar uma mentalidade nacionalista de assédio, especialmente entre a gente do campo e das cidades pequenas, que tinham poucas fontes de informação alternativas. É por isso que um de seus primeiros oponentes políticos, Vuk Drašković, a chamava de tv Bastilha. Mas havia também estações de rádio independentes e jornais de propriedade privada sob assédio. As pessoas podiam viajar, dizer quase tudo o que quisessem e manifestar-se nas ruas. Os partidos de oposição podiam organizar e fazer campanhas e seus representantes participavam dos parlamentos e das câmaras municipais. Outra maneira de Milošević permanecer no poder era manobrar entre eles, para dividir e mandar. O mesmo Drašković, por exemplo, aceitou participar do governo municipal de Belgrado — e, segundo todos os relatos, das fontes de enriquecimento a isso associadas.

O dinheiro desempenhava um papel enorme na política desse país pobre e agora profundamente corrupto. Quando digo dinheiro, refiro-me a enormes maços de marcos alemães enfiados no bolso de uma jaqueta de couro preta ou levados para fora do país em malas. As fronteiras entre política, negócios e crime organizado estavam completamente dissolvidas. Marko, o odiado filho de Milošević, era homem de negócios e gângster. Entre muitas outras propriedades, ele possuía uma loja de perfumes no centro de Belgrado chamada apropriadamente de Skandal. Na noite de sexta-feira, 6 de outubro, estive com uma multidão que contemplava suas ruínas carbonizadas e saqueadas. Ele fugiu para Moscou, levando consigo o neto de Milošević, Marko.

A família governante estava no cerne de uma família maior, no sentido mafioso. Contudo, o padrinho ainda preservava as formas constitucionais de fachada e periodicamente buscava confirmação em eleições. Ele as ganhava com a ajuda da tv Bastilha e um pouco de fraude eleitoral — mas também porque podia contar com uma oposição dividida e um grau significativo de apoio popular genuíno.

É somente contra esse pano de fundo que se pode entender por que, no início de julho, Milošević decidiu mudar a Constituição e buscar a eleição direta para mais um mandato de presidente da República Federal da Iugoslávia. Sabemos agora que foi um erro fatal. Na época, poucos pensavam assim.

Por que ele perdeu a eleição que ele mesmo convocou para 24 de setembro? A primeira e mais inequivocamente reconfortante parte da resposta é: a mobilização da outra Sérvia para derrotá-lo. Contra a demonização coletiva dos “sérvios” depois do que “eles” fizeram na Bósnia e no Kosovo, não se pode dizer com frequência e com firmeza suficiente que sempre houve uma outra Sérvia. Existem sérvios que falaram, escreveram, organizaram e trabalharam contra Milošević desde o início. A luta deles era diferente da dos dissidentes do comunismo soviético, mas não menos difícil e perigosa. Os dissidentes soviéticos se arriscavam a ser presos pela KGB. Os dissidentes sérvios se arriscavam a receber um tiro numa rua escura de um assaltante desconhecido. Não eram numerosos, mas sempre estiveram presentes.

Um deles é Veran Matić, homem fleumático, atarracado, de barba preta, que está sempre em seu escritório digitando num laptop compacto. Com uma equipe dedicada de jornalistas e muita ajuda financeira do Ocidente, Matić montou uma estação de rádio independente, a B92, que foi tomada pelas au-

toridades no início da guerra do Kosovo, mas continuou a oferecer notícias pela internet. Ele criou também uma rede chamada ANEM, que fornece notícias independentes e programas de assuntos atuais para estações provinciais de rádio e televisão que não estão sob o controle de Milošević. Ora, enquanto a TV Bastilha denunciava Koštunica e a oposição dizendo que eram lacaios da OTAN e espões da Agência Central de Inteligência (CIA), essa rede informava calmamente o país fora de Belgrado sobre os verdadeiros fatos da campanha eleitoral. Havia também jornalistas menos conhecidos que foram para a prisão por imprimir o que julgavam ser verdade.

De importância vital foi o movimento estudantil chamado Otpor, que significa “resistência”, fundado em 1998 como um sucessor mais radical dos protestos estudantis de 1996 e 1997. Um militante me disse que os membros da Otpor aprenderam em seminários planejados por organizações não governamentais financiadas pelo Ocidente, como campanhas por direitos e de desobediência civil haviam sido organizadas em outros lugares, de Martin Luther King ao último ano na Croácia. Eram estudantes que estavam se formando em Revolução Comparativa. Mas acrescentaram uma centena de variações criativas próprias. Por exemplo, apareciam nas longas filas de açúcar e óleo com camisetas onde estava escrito “Tudo na Sérvia está o.k.”. Portando sua inconfundível bandeira com o punho cerrado, enfrentaram a polícia uma, duas, muitas vezes. Mais de 1500 militantes da Otpor foram presos durante o ano que levou à revolução.

Tal como os militantes da sociedade civil nas eleições eslovacas que derubaram Vladimir Mečiar em 1998, eles organizaram uma campanha para “sacudir o voto”. Concertos populares de rock foram combinados com a mensagem para sair e votar. Inventaram o slogan “*Vreme je!*” — “Está na hora!” ou “Agora é a hora!” —, que era exatamente o que a multidão cantava em Praga em 1989. Depois, acharam um ainda melhor, “*Gotov je!*” — “Ele está acabado!” —, que se tornou o lema dessa revolução, colado em cartazes de Milošević, escrito em bonés e faixas, pichado nos muros da cidade e gritado por 100 mil gargantas.

Muitas outras pessoas desse mundo da atividade independente — o que na Eslováquia chamam de “terceiro setor” — contribuíram para a causa. Pesquisadores de opinião pública independentes, alguns com financiamento americano, faziam pesquisas periódicas que sugeriam que Koštunica estava ganhando

do. Havia incontáveis voluntários de campanha e fiscais independentes de eleição. Milhões de dólares ocidentais haviam sido desperdiçados em projetos da “sociedade civil” em toda a Europa pós-comunista, mas dessa vez, nesse lugar, certamente valeu a pena.

Em segundo lugar, está o fato de que os partidos de oposição tão díspares finalmente se uniram. Não inteiramente, com certeza. O Movimento de Renovação Sérvia de Vuk Drašković, o maior partido de oposição, recusou-se a unir forças. Além disso, o presidente de Montenegro, Milo Djukanović, pediu um boicote da eleição, permitindo assim que Milošević ficasse com praticamente todos os votos montenegrinos remanescentes. Mas, ainda assim, dezoito partidos se uniram numa Oposição Democrática da Sérvia. O maior deles era o Partido Democrático, liderado por Zoran Djindjić, líder de oposição havia muito tempo, mas também comprometido e impopular.

O terceiro motivo da derrota de Milošević foi que Djindjić e outros conseguiram controlar seus egos briguentos o suficiente para concordar com a candidatura de Vojislav Koštunica, líder do pequeno Partido Democrático da Sérvia, que se separara do Partido Democrático no começo da década de 1990. Koštunica relutou em se candidatar — ele diz em tom meio brincalhão que era o primeiro eleitor indeciso —, mas a escolha era perfeita, pois ele tinha uma combinação única de quatro qualidades: era anticomunista, nacionalista, incorrupto e sem graça.

Koštunica nunca pertenceu ao Partido Comunista. Advogado constitucionalista e cientista político, escreveu sua tese de doutorado, em 1970, sobre o papel da oposição num sistema multipartidário. Posteriormente, traduziu *The federalist papers* e estudou Tocqueville e Locke. Foi demitido da Universidade de Belgrado por se opor à Constituição de 1974 de Tito, que julgava injusta para com os sérvios. Ao contrário da maioria dos líderes de oposição, jamais estivera com Milošević — até sexta-feira, 6 de outubro, quando o comandante do Exército, general Nebojsa Pavković, arranhou um breve encontro entre o presidente que saía e o que entrava. “Assim, encontrei-o pela primeira vez quando ele perdeu o poder”, disse-me Koštunica com orgulho.

Ele era um nacionalista moderado que havia apoiado a República Sérvia na Bósnia e criticado acerbamente a guerra da OTAN no Kosovo. Ao contrário de Djindjić e Drašković, nunca fora visto de braços dados com Madeleine Albright.